

LEITURA DE FENÔMENOS INSÓLITOS: INTERFACE ENTRE ICONICIDADE VERBAL E INCONGRUÊNCIA LEXICAL

Eleone Ferraz de Assis (UEG/PUC-Goiás/SELEPROT)¹

Este trabalho dedica-se a descrever e interpretar a tessitura textual dos fenômenos insólitos no romance *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, com base na associação entre a Teoria da Iconicidade Verbal e a Linguística de Córpus². Centra-se, especificamente, nas marcas linguísticas que representam ideias ou conduzem o intérprete à percepção de que o insólito é construído no texto por meio de itens léxicos que constituem pistas icônicas. Para que os resultados fossem significativos, análise apoia-se nos recursos digitais da Linguística de Córpus (SARDINHA, 2004; 2009), que possibilitam realizar uma pesquisa baseada em um córpus. A utilização da Linguística de Córpus como metodologia permitiu levantar, quantificar e tabular os signos que corroboram com a compreensão da incongruência e da iconicidade lexical dos fenômenos insólitos em um texto literário, identificando os substantivos-nódulos e seus colocados, para avaliá-los quanto à incompatibilidade das escolhas lexicais realizadas por José J. Veiga em relação às estruturas lexicogramaticais da Língua Portuguesa. A análise demonstra que a incongruência e a iconicidade lexical são identificadas a partir da seleção vocabular obtida pelo processamento digital e pelo confronto com o Córpus do Português. A análise comprova que os substantivos, como categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente, têm a função designatória ou de nomeação na arquitetura de um texto em que se manifesta o insólito. Revela também que a incongruência lexical constitui-se em uma chave para a construção do ilógico, mágico, fantástico, misterioso, sobrenatural, irreal e suprarreal no texto-córpus.

Palavras-chave: Insólito; Iconicidade Verbal; Incongruência Lexical; Linguística de Córpus; *Sombras de Reis Barbudos*.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo dedica-se a descrever e analisar a incongruência lexical dos fenômenos insólitos no romance *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, com base na associação entre a Teoria da Iconicidade Verbal e a Linguística de Córpus³. Centra-se, especificamente, nas marcas linguísticas que representam ideias ou conduzem o intérprete à percepção de que o insólito é

¹ E-mail: leo.seleprot@gmail.com

² Emprega-se a forma aportuguesada, segundo o paradigma das paroxítonas terminadas em –us, tal como *bônus*, *tônus* etc.

³ Emprega-se a forma aportuguesada, segundo o paradigma das paroxítonas terminadas em –us, tal como *bônus*, *tônus* etc.

construído no texto por meio de itens léxicos que constituem pistas icônicas. Merecem especial interesse, sobretudo, os substantivos, que, por serem palavras com alta iconicidade, participam da construção/representação de fenômenos insólitos e criam, por meio da trilha léxica, o itinerário de leitura para o texto-cópus.

Para que os resultados fossem significativos, análise apoiou-se nos recursos digitais da Linguística de Cópus (SARDINHA, 2004; 2009), que possibilitaram realizar uma pesquisa baseada em um cópus. A utilização da Linguística de Cópus como metodologia permitiu levantar, quantificar e tabular os signos que corroboram com a compreensão da incongruência e da iconicidade lexical dos fenômenos insólitos em um texto literário, identificando os substantivos-nódulos e seus colocados, para avaliá-los quanto à incompatibilidade das escolhas lexicais realizadas por José J. Veiga em relação às estruturas lexicogramaticais da Língua Portuguesa.

Este estudo fundamenta-se na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009), no insólito ficcional (ARÁN, 1999; CASAS, 2010) e na Linguística de Cópus (SARDINHA, 2004 -2009; SINCLAIR, 1991).

Para tanto, este estudo, em primeiro lugar, descreve os limites da interpretação do signo insólito. Em seguida, discute a colocação lexical. Finalmente, apresenta a análise da incongruência lexical no romance Sombras de Reis Barbudos, de José J. Veiga.

2. APORTE TEÓRICO

2.1 A interpretação dos signos insólitos e seus limites

O insólito elege a ambiguidade semântica como fenômeno linguístico ao instaurar um enigma que digladia com a ordem natural e normal da realidade epidérmica (ASSIS, 20014); ou seja, o texto literário em que se manifesta o insólito de modo essencial é construído pelo “discurso de um mundo dotado de propriedades contraditórias e ambíguas, que não podem ser verificadas fora do texto e da situação comunicativa” (ARÁN, 1999, p. 12).

Nessa concepção, pode-se argumentar que os signos responsáveis pela construção do fenômeno insólito geram imagens mentais ao romperem com a realidade empírica, sendo que seu funcionamento semiótico abre caminho para múltiplas interpretações. Entretanto, os fenômenos insólitos produzem

ilimitados signos capazes de construir um mundo possível apenas no universo literário, mas cujo pano de fundo é a realidade empírica.

Destarte, a tessitura do texto emoldurado pelo incongruente apresenta simultaneamente propriedades (não) semelhantes às do mundo empírico, de modo que a verossimilhança interna cria um mundo possível (ARÁN, 1999). A função do signo insólito, nesse universo, é interrogar o mundo cotidiano de modo que sua atuação linguística na arquitetura textual seja responsável pela construção do projeto comunicativo do texto, sujeito às leis ficcionais que regem as narrativas não-realistas.

No contexto descrito, o insólito se manifesta como um fenômeno semântico, verbal ou linguístico pelo fato de sua linguagem transgredir o plano de enunciação (CASAS, 2010). Assim, é perceptível no discurso em que se manifesta o incongruente uma transgressão não só da nossa percepção de real como também do potencial referencial que atribuímos às palavras. Julga-se, portanto, que “uma mínima modificação, alteração ou mudança a nível verbal, uma ruptura linguística mínima, pode provocar a irrupção do impossível” (CASAS, 2010, p. 11), que abre caminho para a pluralidade interpretativa do fenômeno insólito.

Nota-se ainda que na arquitetura textual dos fenômenos insólitos uma incompletude significativa, uma vez que

[...] são habituais o emprego de termos ambíguos, vagos, para definir aspectos de um mundo tão impossível como indefinível; o uso de símiles, metáforas e símbolos que nos permitem intuir antes de conhecer; ou a presença de paradoxos e equívocos para apresentar acontecimentos que contradizem outros da realidade textual. Em concreto, o fantástico como fenômeno de linguagem se relaciona ao conceito de impertinência, que consiste na justaposição de campos semânticos, se não incompatível, totalmente desvinculado, e tem por objeto configurar uma realidade distinta da convencional por meio de uma conjunção semântica não codificada e, por ela, insólita. (CASAS, 2010, p. 11)

Com base nesses apontamentos, o texto em que o insólito se manifesta de modo essencial, em função dos elementos expressivos eleitos pelo enunciador no momento de sua produção, torna-o aberto a mais de uma possibilidade interpretativa, sem, no entanto, perder de vista o que Eco (2001, 2008a) denominou *cooperação interpretativa e limites da interpretação*.

Para Eco (2003, p. 28), é notório o papel ativo do intérprete na descoberta do projeto comunicativo do fenômeno insólito inscrito na colocação lexical do texto. Isso faz despontar também a noção de semiótica ilimitada. Segundo o semioticista,

a noção de uma semiótica ilimitada não leva à conclusão de que a interpretação não tem critérios. Dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria. Dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. [...] Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas.

De acordo com Simões (2007, p. 20), o texto em que se manifesta o insólito de modo essencial trilha “um caminho complexo, por reunir numa mesma superfície signos de tipos variados, cuja carga semiótica é individual (do ponto de vista da escolha do enunciador) e interindividual (considerada a sua pertinência a um sistema histórico-cultural)”. Os signos icônicos tornam-se polissêmicos e pluridimensionais, pois o autor consegue construí-los a partir de um jogo inteligente com a alta iconicidade que é depreendida sem esforço por parte do leitor (intérprete).

Em síntese, os limites interpretativos dos fenômenos insólitos se inscrevem na iconicidade dos itens lexicais que são pistas verbais ao promoverem a compreensão e a interpretação do texto literário. Trata-se de uma perspectiva de análise que partilha da interpretação em aberto, característica da obra de arte, e respeita os limites do signo-texto. Desse modo, o léxico é sempre um componente fundamental para a leitura de textos. Assim, o romance-cópus deste estudo (assim com qualquer texto literário) contém uma estrutura reguladora da leitura, a qual permite desvendar vários recortes isotópicos para o texto, sem, contudo, torná-lo “terra de ninguém”, onde tudo é permitido. O signo está disponível à semiótica ilimitada (PEIRCE, 1931-1996), porém seus limites vão sendo construídos a partir da atualização do signo nos textos. Estes, por sua vez, são enquadrados em contextos sócio-históricos que determinam as possibilidades de inferir significações na construção das leituras. Em outras palavras, o texto tem um limite isotópico construído por uma

estrutura ausente (ECO, 1997), mas que controla de certo modo a interpretação.

2.2 Colocação lexical

O termo *colocação* (*collocation*) refere-se aos casos de coocorrência léxico-sintática (*slots*), ou seja, palavras que normalmente andam juntas (FIRTH *apud* TAGNIN, 1989, p. 30) nos discursos naturais falados e escritos de modo a definir seu significado. Segundo o linguista, você conhece uma palavra a partir de suas companhias. Assim, as palavras têm “características embutidas”, e a escolha de uma palavra, ou até um sentido específico de uma palavra, acarreta necessariamente na escolha obrigatória ou preferencial de outras palavras, ou de alguma construção sintática (BÉNJOINT, 1994).

Buscando a definição para o termo *colocação* (*collocation*), Sinclair (1991, p. 170) afirma:

Colocação é a ocorrência de duas ou mais palavras, com um curto intervalo entre elas, em um texto. A medida usual de proximidade é um intervalo de no máximo quatro palavras. As colocações podem ser marcantes e interessantes por serem inesperadas, ou podem ser importantes na estrutura léxica da linguagem dada sua recorrência frequente. [...] A colocação, no seu sentido mais puro, conforme empregado neste livro reconhece apenas a coocorrência lexical das palavras.

Nessa perspectiva, McCarthy (*Apud* BÉNJOINT, 1994, p. 211) destaca que “a maioria das palavras na língua vem em séries pré-embaladas, que mostram um número limitado de padrões, em oposição à clássica noção linguística de que a língua consiste de uma série de ‘aberturas/brechas’ sintáticas (*slots*) dentro das quais itens lexicais podem ser inseridos”.

Para Firth (1957, p. 195-196), o sentido da palavra depende do contexto em que ela ocorre. Assim, o sentido da palavra não é fixo:

Significado por colocação é uma abstração no nível sintagmático e não implica diretamente uma abordagem conceitual ao significado das palavras. Um dos significados de *noite* é sua colocabilidade com *escura* e o de *escura*, obviamente, é sua colocação com *noite*.

Sinclair (2004), um dos sucessores de Firth, em um estudo da língua em uso, se refere aos padrões linguísticos do léxico e da gramática, ou seja, aos padrões lexicogramaticais que se unem pelo fenômeno colocacional.

A noção de colocados rompeu com o conceito da palavra como unidade de sentido, evidenciando que as palavras são cosseleccionadas e não escolhidas uma a uma (SINCLAIR, 2004). Assim, a colocação é identificada por meio da competência do “falante nativo, que domina bem sua língua materna; quando ouve ou pensa numa palavra, surgem logo palavras que com ela podem ser combinadas” (WELKER, 2004, p. 141). Segundo o autor, a colocação se constitui de um item-base e outro colocado. O colocado tem o sentido restrito; a palavra-base, um sentido autônomo.

Sinclair (1991, p. 115) discute as colocações com base na perspectiva de nóculo (o item em foco na análise da colocação) e colocados, sendo compreendidas como “porções pré-fabricadas de linguagem armazenadas no léxico do falante” (COWIE, 2004, p. 192-193).

O tratamento das colocações pode utilizar os critérios de frequência e medidas estatísticas, classes gramaticais, extensão, grau de fixação, idiomaticidade e relações semânticas. Para facilitar a análise das colocações, nesta pesquisa, utiliza-se o Programa *WordSmith Tools*, de Mike Scott, especificamente as ferramentas *Word List*, *Concord* e *KeyWord*.

A colocação é considerada nesta pesquisa como essencial na descrição dos dados. Ela possibilita examinar como os colocados no romance *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, se diferenciam dos padrões lexicogramaticais da linguagem usada no dia a dia, de modo a tornar a linguagem incongruente, e o insólito se manifestar de modo essencial no texto. Para evidenciar essas diferenças nos padrões linguísticos dos fenômenos insólitos e da linguagem comum, utiliza-se, para comparação, o *Cópus do Português*. Uma vez que os fenômenos insólitos do texto-cópus deste estudo se constroem a partir das palavras *muros*, *urubus* e *homens*, seguindo os apontamentos de Sinclair (1991), essas palavras serão os nóculos, e os colocados serão as quatro palavras que aparecem no texto à esquerda e à direita desses nóculos.

3. A INCONGRUÊNCIA LEXICAL NO ROMANCE SOMBRAS DE REIS BARBUDOS

3.1 Breve resumo do romance-cópus

O romance *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, pode ser assim resumido: uma poderosa companhia, logo que se instala em uma cidade, altera a vida da comunidade, com a imposição de rigorosas regras de comportamento. A referida companhia mantém enclausurada a comunidade daquela cidade, tornando-a refém de suas rigorosas determinações. Muito cedo, o pânico, o medo, o terror e a desconfiança dominam o lugar. As pessoas vivem assombradas, perdem a liberdade até de pensar. Nesse clima de tensão se desenrolam ações e fenômenos insólitos – cidade é tomada por muros e urubus e as pessoas começam a voar.

* * *

Com a ajuda do programa digital *Wodrsmith Tools*, levantou os substantivos mais frequentes no texto-cópus, com o objetivo de apreciar o potencial icônico dos fenômenos insólitos que compõem o romance de José J. Veiga.

3.2 A frequência lexical como sinalizadora do insólito

Ao comparar a lista de palavras do romance *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, com a lista de palavras do cópus de referência, ambas criadas com o *WordList*, a ferramenta *KeyWord*, usando critério estatístico e quantitativo, levantou 28 palavras-chave para o texto-cópus deste estudo, sendo que 19 são palavras lexicais (16 substantivos e 3 verbos) e 9 são palavras gramaticais. Tendo em vista o especial interesse pelos substantivos, por serem caracterizáveis semanticamente e terem a função designatória ou de nomeação na arquitetura textual, a partir de uma análise criteriosa, eles foram divididos em campos semânticos com intuito de averiguar se eles podem sinalizar o insólito no texto-cópus. É a divisão que se pode acompanhar no Quadro 1:

Quadro 1: Palavras-chave do romance-cópus

| PALAVRAS-CHAVE | CAMPO-SEMÂNTICO | FREQ. |
|----------------|-------------------------|-------|
| MAMÃE | Base do sólito/familiar | 168 |
| BALTAZAR | | 143 |
| PAI | | 198 |
| TIO | | 138 |
| TIA | | 72 |
| DULCE | | 68 |
| BOLA | | 20 |
| MESA | | 33 |

| | | |
|-----------|--------------------------------------|-----|
| MUROS | Base do insólito | 39 |
| URUBU | | 19 |
| HOMENS | | 17 |
| COMPANHIA | Base opressão | 111 |
| FISCAL | | 32 |
| FISCAIS | | 25 |
| MÁGICO | Sinaliza metaforicamente a liberdade | 26 |
| UZK | | 30 |

Examinando os substantivos-chave obtidos pelo *software WordSmith Tools*, percebe-se que eles revelam particularidades sobre o romance *Sombras de reis barbudos*. Ao agrupá-los pela semelhança semântica, esse conjunto de léxico revela quatro campos semânticos importantes no texto-cópus e aponta a estatística como uma poderosa ferramenta na visualização de fenômenos linguísticos em um texto em que o insólito se manifesta de modo essencial.

O primeiro grupo semântico apresentado no quadro traz ao universo ficcional coisas mundanas, cotidianas e corriqueiras pertencentes à realidade empírica. Nessa perspectiva, a presença na trama textual de itens léxicos que constituem os integrantes da família, por exemplo, apresenta um mundo mais real/sólito possível para servir de pano de fundo para irrupção do insólito, fenômeno que só existe se comparado com a realidade cotidiana (Prada Oropeza, 2006).

Centrando a atenção nas palavras *muros*, *urubu* e *homens*, verifica-se que nesse campo semântico encontram-se os substantivos-nódulos desencadeadores do insólito. Essas palavras (nódulos), com seus colocados, iconicamente escamoteiam a organização do mundo real e abrem caminho para manifestação do insólito na tessitura textual do romance.

Entre os substantivos que o *software* levantou como palavras-chave, despontam-se também os campos semânticos *opressão* e *liberdade*. Esses itens léxicos apontam os dois eixos temáticos (*opressão versus liberdade*) que metaforicamente estão representados pelos três fenômenos insólitos presentes na narrativa.

Cabe esclarecer que a análise dos substantivos revelou que, além de a frequência sinalizar a manifestação no insólito no texto literário, as palavras eleitas pelo *WordSmith Tools* como chave podem indicar a temática do texto.

3.3 A incongruência do léxico veiguiano

A incongruência lexical é entendida, nesta pesquisa, como a ausência de congruência, de conformidade, de concordância e de adequação entre os núdulos e os colocados. Estes se relacionam no eixo sintagmático tanto para a organização do texto em que o insólito se manifesta quanto para os padrões lexicogramaticais da Língua Portuguesa. Em outras palavras, a incongruência lexical defendida para o texto-cópus refere-se à incompatibilidade das escolhas lexicais realizadas por José J. Veiga em relação às estruturas lexicossintáticas da língua utilizadas cotidianamente na comunicação.

Nessa perspectiva, a incongruência lexical é chave para a construção do ilógico, mágico, fantástico, misterioso, sobrenatural, irreal e suprarreal no texto-cópus. Esta análise constata que o insólito no romance *Sombras de reis barbudos* transgredir os usos da Língua Portuguesa, pelo fato de as coocorrências lexicossintáticas romperem com as estruturas do código linguístico. Ou seja, o texto de José J. Veiga foge aos padrões lexicogramaticais da língua, denominados “fenômeno colocacional”.

Essa ruptura das estruturas lexicogramaticais do romance-cópus edifica o aspecto inusual, incongruente, impossível, inusitado, incorrigível, inaudito e inverossímil dos acontecimentos narrados no texto literário, os quais não podem ser submetidos às leis da racionalidade.

As escolhas lexicais feitas por José J. Veiga para construir o primeiro fenômeno insólito de *Sombras de reis barbudos* rompem com as características embutidas das palavras defendidas por Bénjoint (1994). O fenômeno é construído a partir do substantivo-núcleo *muros*, que se torna insólito, ao passo que o autor utiliza como colocados as palavras que não estão no rol das porções pré-fabricadas da linguagem, armazenadas no léxico do falante da Língua Portuguesa.

Para evidenciar essa ruptura, a seguir, é importante comparar as construções lexicogramaticais do romance com um cópus de referência (o cópus do Português). O levantamento feito pela ferramenta *Concord* do Programa *WordSmith Tools* aponta as palavras relacionadas no quadro abaixo como alguns colocados do substantivo *muros* no romance-cópus (Quadro 2):

Quadro 2: Colocados de muros no cópus da pesquisa

| NÓDULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|--------|-----------|--------------|
|--------|-----------|--------------|

| | | |
|--------------|------------|--|
| MUROS | MUROS | De repente os muros , esses muros . Da noite para o dia ele |
| | DE REPENTE | |
| | NOITE | |
| | DIA | Da noite para o dia os muros brotaram assim retos , curvos , quebrados, |
| | BROTARAM | |
| | RETOS | |
| | CURVOS | |
| | LABIRINTO | para ver além do labirinto de muros brancos acompanhando o traçado tortuoso de ruas antigas |
| | BRANCOS | |
| | TRAÇADO | |
| ACOMPANHANDO | | |

As escolhas virtuais realizadas nos eixos paradigmático e sintagmático, para construir o signo insólito, transgridem as construções do mundo extralinguístico. A escolha do substantivo *muros* e da forma verbal *brotaram* rompe com a combinação lexical consagrada para os dois termos; ou seja, *muros* e *brotaram* são dois itens lexicais que, de acordo com as regras semânticas, não andam juntos nos discursos realistas.

Com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, no cópulus de referência localizam-se 449 verbos que são colocados do substantivo *muros*, não havendo, no entanto, nenhuma colocabilidade para o verbo *brotar*. No Quadro 3, há 29 há alguns verbos que são colocados do nóculo *muro(s)* no cópulus de referência.

Quadro 3: Colocados de muros no cópulus de referência

| NÓCULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|---------|-------------|---|
| MURO(S) | ESCONDEU-SE | A filha do sacristão, que não queria ser observada, escondeu-se atrás do muro . |
| | DERRUBARAM | O muro não existe - derrubaram o muro . |
| | CERCAVA | a levantar o muro que cercava a capela |
| | SALTOU | Adriano saltou para cima do muro . |

Analisando a questão do sentido das palavras *muros* e *brotaram*, nota-se que esta se refere a seres animados, enquanto aquela nomeia uma coisa inanimada. Esse pode ser o motivo de não haver ocorrência dessa estrutura léxica no cópulus de referência.

Os resultados apresentados indicam que a disfunção apontada por Covizzi (1978) como responsável por instaurar a insolitude no texto literário é arquitetada pela incongruência lexical. No texto-cópulus, a ausência de congruência e de concordância relativa à coocorrência lexical de *muros* e *brotaram* rompe com a estrutura léxica da linguagem. Assim, a organização de

muros e *brotaram*, no eixo sintagmático, traz à tona a crise que escamoteia as leis que organizam o mundo real de modo a construir o extraordinário (uma cidade tomada por muros) no romance.

A insolitude é ampliada com as seguintes unidades léxicas: *retos*, *curvos*, *quebrados*, *descendo*, *subindo*, *dividindo as ruas*, *separando amigos*, *tapando vistas*, *escurecendo*, *abafando*, que aparece à direita da forma verbal *brotaram*.

Esses itens lexicais apresentam fenômenos de inadequação, essencial às características do objeto *muros*. Caso sejam retos, não podem ter curvas, ou vice-versa, conforme explica a geometria euclidiana. Além disso, o fenômeno inusual do insólito apontado por Prada Oropeza (2006) se amplia pelo fato de a construção sociocultural preconizar que a função de um muro não é a de dividir ruas, separar amigos, tapar vistas, escurecer e abafar.

A análise dos campos semânticos da arquitetura textual do romance *Sombras de reis barbudos* revela que o segundo fenômeno insólito no texto é instaurado pelo substantivo-nóculo *urubu(s)*. Esse nóculo e seus colocados criam um confronto com o eixo sintagmático que semanticamente rompe com as construções do mundo extralinguístico; ou seja, essa tensão instaurada pelo fenômeno da colocabilidade transgride as leis da realidade empírica.

Para demonstrar a irrupção do inominável no cópulus desta pesquisa, organizam-se o nóculo, seus colocados e o contexto em que eles aparecem no romance veigiano em um quadro. Com essa demonstração, é possível perceber como as construções lexicossintáticas do texto-cópus distanciam dos padrões lexicogramaticais da Língua Portuguesa. Para comprovar essa assertiva, observe o Quadro 4:

Quadro 4: Colocados de urubu(s) no cópulus da pesquisa

| NÓDULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|--------|--------------|--|
| | MENINO | quase todo <u>menino</u> (e <u>menina</u> também) <u>tinha</u> um <u>urubu</u> para <u>acompanhá-lo</u> como um <u>cachorrinho</u> até na rua, |
| | MENINA | |
| | TINHA | |
| | ACOMPANHÁ-LO | |
| | CACHORRINHO | |
| | VIVER | Mas como tempo todos se acostumaram a <u>viver</u> em <u>intimidade</u> com os <u>urubus</u> , e a <u>cidadeinteira</u> sofreu por eles quando a Companhia começou a persegui-los. |
| | INTIMIDADE | |
| | CIDADE | |
| | INTEIRA | |

Tendo como base a realidade epidérmica, o urubu é considerado uma ave feia, repugnante, carniceira e de mau agouro (Cascardo, 1993). Ao analisar as construções lexicogramaticais no romance *Sombras de reis barbudos*, percebe-se que os colocados de *urubu(s)* rompem com os campos semânticos cosseleccionados para essa palavra.

A escolha verbos *pousavam* e *olhando*, acompanhadas dos itens léxicos *janelas* e *muros*, feitas por José J. Veiga para descrever as atitudes dos urubus na cidade, instaura uma crise ao conceito de normal e natural. Isso é reforçado pelos colocados *intimidade*, *cachorrinho*, *acompanhá-lo*, *não incomodavam*, *falta* etc., que no texto indicam as atitudes das pessoas diante da presença dos urubus na cidade.

Se na realidade empírica o normal é considerar o urubu como abominável, desprezível, carniceiro e de mau agouro, logo viver em intimidade com os urubus, transformá-los em animais de estimação, não se sentir incomodado com sua presença, sentir sua falta, sofrer por eles serem perseguidos, transgride as leis do mundo ordinário e instaura linguisticamente o que se denomina fenômenos insólitos.

Buscando confirmar que a colocabilidade de *urubu(s)* no texto-cópus estabelece a insolitude ao romper com os padrões lexicogramaticais da Língua Portuguesa, levantaram-se, com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, os colocados desse substantivo-nódulo no cópus de referência.

Quadro 5: Colocados de urubu(s) no cópus de referência

| NÓDULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|----------|--------------|---|
| URUBU(S) | VOARAM | Os urubusvoaram para longe, o cachorro correu, |
| | SÃO | Estes homenssão os urubus de Santa Luzia, serviço |
| | HOMENS | especial e maçônico. |
| | IAM RISCANDO | A superfície reluzia, agora, a escama dos cadáveres e, |
| | CÉU | no céu , os urubusiam riscando os seus adejos |
| | COBRAS | Urubus , lagartos e cobras ameaçam e comem ovos e filhotes. |

Os dados apresentados nesse quadro confirmam que os colocados de *urubu(s)* no cópus de referência se distanciam dos usos da Língua Portuguesa. As formas verbais *come* e *voaram* reforçam bem essa assertiva por não transmutar o universo culturalizado. Em “o *urubu come carniça* e os *urubus voaram para longe*”, as formas verbais indicam duas ações totalmente aceitas no mundo ordinário e possíveis de acontecer na realidade empírica.

As duas formas verbais (*pousavam* e *olhando*), presentes em cotextos do nóculo *urubu(s)* no romance-cópus, se comparadas com o cópus de referência, não apresentam nenhuma relação com as estruturas lexicogramaticais da Língua Portuguesa.

Assim, as escolhas lexicais realizadas pelo autor na construção do segundo fenômeno insólito do romance comprovam que a insolitude de um texto, para transgredir o mundo ordinário, precisa primeiramente romper com os padrões lexicossintáticos consagrados da Língua Portuguesa.

Passando à análise do último fenômeno insólito do romance *Sombras de reis barbudos*, parece claro que o substantivo *homem(ns)* é o nóculo que, com seus colocados, incongruentes instaura iconicamente o extraordinário no texto. O concordanciador do WST revelou que a chave para manifestação do insólito, na narrativa em análise, encontra-se na colocabilidade do substantivo *homem* e da forma verbal *passava voando*. Mas isso não quer dizer que a insolitude *homens-pássaros* se encerra nesse trecho. Como se vê no Quadro 6 há outros cotextos do nóculo *homem(ns)* que podem ampliar a compreensão da incongruência lexical instaurada pelas construções lexicossintáticas *homens-pássaros* e o *homem passava voando*.

Quadro 6: Colocados de Homem(ns) no cópus da pesquisa

| NÓDULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|------------|----------------|---|
| HOMEM (NS) | ALTO | Lá no alto os três homens-pássaroscontinuavam suas evoluções , mas |
| | CONTINUAVAM | |
| | EVOLUÇÕES | |
| | PASSAVA VOANDO | Pois se o homempassava voando bem na minha frente, |
| | VOA | Um diz que o homemvoa como passarinho . |
| | PASSARINHO | |
| VOANDO | | |

A busca no texto-cópus por palavras selecionadas pelo autor, para andar na companhia do nóculo *homem(ns)*, revelou que *voador*, *voando*, *voa*, *pensando*, *passarinho*, *evoluções* e *alto* são colocados do substantivos em análise que ampliam a percepção da desrealização do real ao urdir, por meio da incongruência lexical, uma consistência enigmática na trama textual.

O Quadro 7 apresenta os colocados de *homem* no cópus de referência, cujas estruturas lexicossintáticas distanciam do cópus desta pesquisa.

Perseguindo os colocados do substantivo *homem*, nota-se a presença dos verbos: *tem, encontrara, deixara, abocanhavam, brigar, achou*, dentre outras. Os verbos que andam na companhia desse substantivo podem denotar uma ação ou um estado possível de acontecer com o homem no mundo ordinário.

Quadro 7: Colocados de homem no *cópus* de referência

| NÓDULO | COLOCADOS | CONCORDÂNCIA |
|--------|------------|--|
| HOMEM | EXISTÊNCIA | uma conclusão científica acerca da <u>existência</u> do <u>AbominávelHomem</u> das <u>Neves</u> . |
| | ABOMINÁVEL | |
| | NEVES | |
| | VIGIAS | As vezes, os ladrões atacam os <u>vigiasacordados</u> e o <u>homem</u> , só, tem que se defender a revólver. |
| | ACORDADOS | |
| TEM | | |

Em síntese, as escolhas lexicais incongruentes realizadas por José J. Veiga, para construir um texto em que se manifesta o insólito de modo essencial, transgridem a concepção que o intérprete (leitor) tem de real. A subversão da realidade empírica acontece a partir das combinações de palavras no eixo sintagmático, que, semanticamente, não poderiam andar juntas. É possível, por exemplo, um homem pular, andar, caminhar, correr etc., mas é impossível em mundo sólito ser homem-pássaro; ou seja, ser homem e voar.

4. A iconicidade lexical em passagens insólitas

Optou-se por analisar a iconicidade apenas dos substantivos do romance-*cópus*, pelo fato de os nódulos desencadeadores do insólito serem palavras lexicais pertencentes a essa classe gramatical. Como são palavras lexicais, os substantivos são palavras cheias; ou seja, são lexias que possuem significados (CARTER, 1998) gerados a partir de uma imagem mental. Além disso, o “substantivo significa literalmente o que está debaixo, na base. [Eles] são fundamentos do texto, pois não se pode construir um texto sem utilizar essa classe” (CASTILHO, 2010, p. 455).

No texto veiguiano, os substantivos são palavras com alta iconicidade que designam os seres e seus atributos, suas qualidades e seus atos próprios como se fossem entidades separadas deles (SAID ALI, 1964). Esses itens lexicais são categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente por terem um potencial de referência, isto é, por terem no romance a função designatória ou de nomeação que envolve, do ponto de vista cognitivo, diferentes graus de

abstração e complexidade conceptual (MATEUS, 2003; ANTUNES, 2003). Além disso, eles designam “entidades cognitivas e/ou culturais que possuem certas propriedades categorizadas no mundo extralinguístico” (Neves, 2000, p. 68).

Irmanados às palavras de Antunes (2003), pode-se dizer que os substantivos, urdidos na tessitura textual do romance *Sombras de reis barbudos*, são signos que, ao referirem-se às pessoas e às coisas na arquitetura textual, com sua alta iconicidade, desempenham a função referencial na atividade do enunciador. Por isso, os substantivos utilizados por José J. Veiga apresentam um potencial icônico capaz de construir a trilha de leitura de *Sombras de reis barbudos*.

Tentando compreender o texto-cópus a partir da trilha léxica constituída pelos substantivos, verifica-se a ocorrência desses itens lexicais com a versão 6.0 do programa *WordSmith Tools*. Convém esclarecer que primeiramente utilizam-se como critérios de análise: (a) os substantivos presentes no cópus no mínimo cinco vezes, uma vez que a ocorrência da palavra corrobora com sua iconicidade; (b) a seleção daqueles que constroem as imagens insólitas, o sistema opressor, o tempo opressivo, o espaço opressivo, os seres fictícios urdidos nos eventos insólitos, os sentimentos presentes em meio à opressão, ao passatempo e a outras iconicidades.

Depois de apurar os substantivos cujo potencial icônico deflagra processos cognitivos que geram imagens figurativas ou diagramáticas na mente leitora, a partir das quais se constroem a compreensão e a interpretação do texto-cópus, planifica-se em um quadro item a item, de modo a apresentar um estudo que leva em conta sua significação dicionarizada mais adequada ao projeto comunicativo do romance e sua função semiótica. As interpretações expostas a seguir baseiam-se no quantitativo e nas pistas textuais encontradas no contexto. Por isso, desenvolvem-se também gráficos com as ocorrências dos itens no texto e algumas passagens à guisa de ilustração do potencial icônico dos substantivos no romance-cópus.

O projeto comunicativo do romance-cópus ativa signos insólitos que podem representar (ícones) ideias ou conduzir (índices) o intérprete à compreensão de que o insólito é construído no texto por meio de pistas icônicas que retratam um quadro opressivo (*muros*), a realidade invertida

(*urubus*) e a busca da liberdade cerceada (*homens-pássaros*). É oportuno acompanhar a iconicidade dos itens lexicais que são os nódulos geradores do insólito.

Ao exemplificar os levantamentos dessa natureza, demonstram-se o ajuste entre as escolhas léxicas, o tema e os subtemas que atravessam o texto. No romance em foco, o tema se constitui pelo binômio liberdade *versus* opressão. Agora resta acompanhar o potencial icônico desses substantivos (Quadro 8):

Quadro 8: iconicidade dos eventos insólitos

| ITEM LEXICAL | INFORMAÇÃO SUBJACENTE | SIGNIFICAÇÃO DICIONARIZADA | FUNÇÃO SEMIÓTICA |
|-----------------|---|--|--|
| Muros | Signos responsáveis pela construção do insólito no texto. | Muros – (1) paredes fortes que circundam um recinto ou separam um lugar de outro; (2) símbolo de separação; | Ícone da liberdade cerceada. Índice de opressão |
| Urubus | | Urubus – (1) Aves catartídeas pretas, de cabeças nuas, que se alimentam de carnes em decomposição. | Ícone da inversão da ordem. |
| Homens-pássaros | | Homens – (1) indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva. | Ícone da liberdade. |

A iconicidade do léxico mostrada no quadro anterior baseou-se não só no quantitativo lexical levantado automaticamente pelo programa *WordSmith Tools*, mas, sobretudo, por pistas textuais maiores que permitiram a visualização da cena, dando à narrativa uma qualidade fílmica.

A análise dos substantivos *muros*, *urubus* e *homens-pássaros* permite ao intérprete descobrir no universo aberto do texto de José J. Veiga que o aparecimento inesperado de muros na cidade revela sinais claros da opressão. Esses indícios impõem limites e cerceiam a liberdade individual; por sua vez, a intimidade do homem com os urubus representa um lenitivo para a opressão e o voo do homem como meio para buscar a liberdade cerceada.

Rastreado a trilha léxica dos três eventos insólitos presentes no texto-cópus, nota-se que misteriosamente eles são desencadeados pela ação da Companhia Melhoramentos de Taitara, como se verá no próximo subtópico. Além disso, eles constroem o binômio liberdade *versus* opressão, o tema abordado no texto. O primeiro evento instaura a opressão; o segundo

apresenta um meio para que as pessoas tentem conviver com a ação repressiva; e o último expressa a busca pela liberdade.

Assim, o potencial icônico dos três itens lexicais demonstra que o aspecto inusual, incongruente, impossível, inusitado, incorrigível, inaudito e inverossímil dos acontecimentos narrados no romance *Sombras de reis barbudos* não pode ser submetido às leis da racionalidade.

Em síntese, o insólito construído pela incongruência lexical presente na obra do escritor goiano caracteriza, em primeira linha, uma completa atitude de desconforto. Ele rompe com as atitudes habituais, comuns, costumeiras, usuais e frequentes, surpreendendo, enfim, as expectativas cotidianas e criando um choque afetivo, de modo a desorganizar e a desnudar a representação do real em Taitara.

Palavras finais

O objetivo deste estudo foi demonstrar que os fenômenos insólitos se revelam na narrativa literária contemporânea a partir da camada léxica que arquiteta a trama textual. Essa proposta sugere que a ruptura na utilização da linguagem – que, por sua vez, refere-se à incompatibilidade das escolhas lexicais realizadas pelo enunciador em relação às estruturas lexicossintáticas da língua – instaura o incongruente e o incoerente na tessitura textual. Para nós, a transgressão representa no texto a presença de coocorrência de estruturas lexicossintáticas (*slots*) que rompem com o código linguístico e iconicamente garantem a construção da insolitude no texto literário. As estruturas lexicogramaticais, presentes no texto-cópus, refletem bem o aspecto unusual do fenômeno insólito: “os muros brotaram”, “o homem passava voando”, entre outras.

Assim, buscar compreender a colocação lexical, segundo os preceitos de Bénjoint (1994) e Sinclair (1991), significa defender, nesta pesquisa, que os fenômenos insólitos no romance *Sombras de reis barbudos*, de José J. Veiga, desbaratam as “características embutidas das palavras” apontadas por Firth (1957). Nessa perspectiva, o fato de assumir a posição de que a insolitude no texto veiguiano se instaura a partir de uma colocação lexical que transgride os padrões lexicogramaticais da Língua Portuguesa justifica o nosso singular interesse em estudar o modo como o léxico é selecionado pelo autor. No que

se refere à aplicação da Teoria da Iconicidade Verbal, de Simões (2009), e à compreensão do insólito, fica claro que esse fenômeno se implanta no texto por meio de palavras, sobretudo substantivos, cujo potencial icônico deflagra processos cognitivos que geram imagens figurativas ou diagramáticas na mente do intérprete.

A utilização do Programa *WordSmith Tools* permitiu a análise linguística da manifestação do insólito em *Sombras de reis barbudos*, baseada na ocorrência, recorrência e coocorrência de itens lexicais. Além disso, possibilitou a comparação desse texto com um *cópus* de aproximadamente 45 milhões de palavras, constituído por textos orais e escritos produzidos no Brasil e em Portugal dos mais diversos gêneros (jornalísticos, literários e acadêmicos), para levantar as construções lexicogramaticais incongruentes.

A análise dos dados demonstrou que a incongruência e a iconicidade lexical são delineadas a partir do léxico que representa ideias ou conduz o intérprete à percepção de que o insólito é construído no texto por meio de pistas icônicas. Diante dessas evidências, torna-se notório também que os substantivos, por serem palavras com alta iconicidade, participam da construção/representação de fenômenos insólitos e criam, por meio da trilha léxica, o itinerário de leitura para o texto-*cópus*. Com base em tais apontamentos, os substantivos, como categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente, têm a função designatória ou de nomeação na arquitetura textual dos fenômenos insólitos de José J. Veiga. Além disso, o estudo revelou que a incongruência lexical constitui-se em uma chave para a construção do ilógico, mágico, fantástico, misterioso, sobrenatural, irreal e suprarreal no texto-*cópus*.

O levantamento das palavras-chave pela ferramenta *KeyWords* do programa *WordSmith Tools* com base no critério estatístico e quantitativo possibilitou legitimar que a alta frequência de itens lexicais, como *muros*, *urubu*, *homens* e *voando*, no romance *Sombras de reis barbudos*, em comparação ao *cópus* de referência, sinaliza a manifestação do insólito. Por sua vez, as palavras-chave levantadas pelo programa e pertencentes ao campo semântico “família”, trazem à tona o universo familiar, base do sólito. Ademais, os itens léxicos *companhia*, *fiscal* e *fiscais* exibidos na tela da *KeyWords* configuram a base do sistema opressor, uma das temáticas (*aboutness*) do texto-*cópus*.

Por fim, espera-se que esta pesquisa apresente ao estudioso da linguagem – e, mais especificamente, da Língua Portuguesa – um caminho para o entendimento, a partir do léxico, da estruturação linguística, dos recursos icônicos e da construção de imagens insólitas em um texto literário. Assim será possível aperfeiçoar as práticas didáticas que visem à melhoria do desenvolvimento da competência verbal dos estudantes.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARÁN, Pampa O. *El fantástico literário: aportes teóricos*. Madrid: TauroEdiciones, 1999.
- ASSIS, Eleone Ferraz de. *Escolhas Lexicais e Iconicidade Textual: uma análise do insólito no romance Sombras de Reis Barbudos*. 2014. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BÉNJOINT, Henry. Dictionaries and the dictionary. *Tradition and innovation in Modern English Dictionaries*. Oxford: Oxford University Press 1994.
- CARTER, Ronald. *Vocabulary: applied linguistic perspectives*. London, UK: Routledge, 1998.
- CASAS, Ana. Transgresión lingüística y microrrelato fantástico. *Insula: Revista de Letras e Ciências Humanas, Espanha*, v. 765, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.
- ECO, Humberto. Protocolos ficcionais. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ECO, Humberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, Humberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FIRTH, J. R. *Papers in linguistics*. London: Oxford University Press, 1957.
- MATEUS, Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- PRADA OROPEZA, Renato. El discurso fantástico contemporáneo: tensiónsemántica y efecto estético. *Revista Semiosis*, terceira época, v. 2, n. 3, p. 54-76, Enero-Junio 2006.
- ROAS, David. *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001.

- ROAS, David. *Tras los límites de lo real: una definición de lo fantástico*. Madrid: Páginas de Espuma, 2011.
- ROAS, David. Em torno a uma teoria sobre o medo e o fantástico. In: VOLOBUEF, Karin; WIMMER, Norma; ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera (Org.). *Vertentes do fantástico na literatura*. São Paulo: Annablume, 2012.
- SAID, Ali. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- SAID, Ali. *Gramática secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SARDINHA, Tony Berber. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade e verossimilhança: semiótica aplicada ao texto verbal*. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br>>.
- SIMÕES, Darcilia. *Teoria da iconicidade verbal*. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br>>.
- SINCLAIR, J. M. *Looking up: an account of the Cobuild Project in lexical computing and the development of the Collins Cobuild English Language Dictionary*. London: Collins, 1987
- SINCLAIR, J. M..*Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SINCLAIR, J. M..*Trust the text: language, corpus and discourse*. London: Routledge, 2004.
- TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- TAGNIN, Stella E. O. Collecting data for a bilingual dictionary of verbal collocations: from scraps of paper to corpora research. *PALC '99 Practical applications in language corpora*. Lodz: Lodz University Press, 1999.
- TAGNIN, Stella E. *O jeito que a gente diz*. São Paulo: Disal, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- VEIGA, José J. *Sombras de reis barbudos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1972 [2001].